



## **A Construção da Usina Hidrelétrica de Itumbiara-GO: memórias em disputa na fronteira entre o Sul de Goiás e o Triângulo Mineiro (1973-2015)**

YANGLEY ADRIANO MARINHO\*

Grande parte das questões apresentadas no presente texto foram, inicialmente, esboçadas dentro projeto que submeti ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, no ano de 2013, intitulado “A movimentação de trabalhadores a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Itumbiara - GO (1973-2013)”. Naquele momento, buscava como caminho principal de reflexão discutir a construção da Usina Hidrelétrica de Itumbiara, realçando as expectativas de diversos trabalhadores que se deslocaram de suas respectivas regiões para a fronteira entre o Triângulo Mineiro e o Sul de Goiás, a partir de 1973. Por esse viés, meu interesse maior estava em colocar em movimento o suposto de que esses trabalhadores, ao deixarem suas regiões de origem rumo às obras de uma grande hidrelétrica, não trariam consigo apenas força de trabalho, mas modos de vida diversificados que impactariam de maneira significativa as relações sociais da nova região em que viriam a se fixar.

O procedimento adotado para se testar a validade do suposto descrito acima<sup>1</sup>, centrava-se na produção de entrevistas com sujeitos que vieram trabalhar na construção da hidrelétrica e permaneceram na região. No estabelecimento de um contato inicial e na estruturação de diálogos com alguns trabalhadores, certos incômodos foram surgindo. O principal deles se baseava no fato de que, mesmo interessado em compreender uma série de questões presentes no horizonte de perspectivas de tais trabalhadores – que ultrapassam aquelas advindas diretamente de suas relações com a usina hidrelétrica –, a territorialidade e a temporalidade sugerida por mim, ao estabelecer o diálogo com eles, tinha centralidade na Usina Hidrelétrica de Itumbiara. Dessa maneira, o caminho percorrido durante a maioria das entrevistas permanecia quase que, em sua totalidade, circunscrito à órbita da barragem.

---

\* Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás, unidade de Itumbiara-GO. Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Goiás, campus Itumbiara.

<sup>1</sup> Importante ressaltar os apontamentos de E. P. Thompson quanto à produção do conhecimento histórico não poder se dar dentro dos mesmos parâmetros utilizados pela ciência experimental. Os procedimentos empregados pelo historiador devem ser dinâmicos assim como é a história “real” – substrato da “história produto da investigação histórica” – que está em processo constante de mutação através do tempo. Com isso, não se quer dizer que os conceitos não tenham valor ou não devam ser empregados. O que se quer colocar é que estes não podem permanecer isolados em si mesmos, mas precisam ser problematizados no âmbito das relações sociais. Daí a ideia e a importância de se proceder no processo de investigação por meio de um diálogo entre o conceito e a evidência empírica. (THOMPSON, 1981: 47-62)

Cabe aqui ressaltar que o problema não estava no tratamento de questões relativas à usina, uma vez que estas também me interessam e têm me trazido muitas provocações. A questão é que meus procedimentos, minhas questões junto aos trabalhadores dificultavam ultrapassar os limites do território e do tempo da construção da hidrelétrica, ou seja, limitavam fortemente a viabilidade do objetivo principal colocado para a consecução da tese.

Diante de tais dificuldades, a alternativa que tem me parecido mais viável – e que procuro apresentar no presente texto – é a definição do foco da pesquisa de modo a assumir a construção da Usina Hidrelétrica de Itumbiara como um marco de várias transformações dentro de uma região de fronteira, parte do Sul de Goiás e do Triângulo Mineiro, tentando-se entendê-la como componente de um projeto do Estado brasileiro<sup>2</sup> – era a época do regime civil-militar – mas também buscando os significados das transformações para diversos sujeitos: trabalhadores que se deslocaram de várias partes do país para as obras da hidrelétrica, moradores de algumas localidades que foram afetados de muitas formas pela obra e grupos dominantes locais. Por esse viés, o que se busca, portanto, é a análise crítica acerca de como memórias hegemônicas e alternativas<sup>3</sup> vêm sendo produzidas na região em questão, desde a implantação dessa hidrelétrica pertencente ao sistema Furnas. Para a definição dessa proposta, foi de suma importância a reflexão sobre o conteúdo da reportagem abaixo destacada.

*Localizada no rio Paranaíba, entre os municípios de Itumbiara (GO) e Araporã (MG), a Usina Itumbiara celebrou 30 anos em abril com um histórico de importantes conquistas, tanto em inovações tecnológicas durante a construção, entre 1974 e 1980, como no desenvolvimento dos municípios vizinhos. Com uma capacidade instalada de 2.082 MW, ainda hoje é a maior do parque gerador da Eletrobrás Furnas e a sexta do Brasil.*

---

<sup>2</sup> Aqui, procuro trabalhar com a noção de Estado proposta por Sonia Regina Mendonça. Buscando inspiração nos escritos do pensador italiano Antonio Gramsci, a autora trabalha com a concepção de que o Estado não é um sujeito a pairar sobre a sociedade, mas uma “Relação social, ou seja, a condensação das relações sociais presentes numa dada sociedade”. Desse ponto de vista, para se chegar ao Estado em sentido estrito, Mendonça propõe que se parta da sociedade civil, buscando entender classes sociais, seus organismos e as variadas formas como buscam representação e firmam posições junto ao aparelho estatal. (MENDONÇA, 1998: 13-32)

<sup>3</sup> Essa perspectiva vem sempre de forma desafiadora, quando me ponho a refletir acerca das questões trazidas pela publicação *Muitas Memórias, Outras Histórias*, principalmente, no texto introdutório, homônimo à obra. Neste, as autoras Déa Ribeiro Fenelon, Heloísa Faria Cruz e Maria do Rosário Cunha Peixoto procuram destacar e avaliar o desenvolvimento e alcance das perspectivas trabalhadas dentro do projeto PROCAD/Capes – Cultura, Trabalho e Cidade: *Muitas Memórias, outras Histórias*. O desafio assumido e posto em movimento, não só pelas autoras citadas, mas por todo o grupo, naquele momento, era o de “reavivar lembranças e narrativas de sujeitos excluídos e dissidentes” e, assim, “produzir e articular outras histórias para além daquela que se valida e se torna visível no universo acadêmico”. Essa é uma perspectiva que tenho procurado incorporar, ainda que com algumas dificuldades, não só em termos teórico-metodológicos, mas políticos. (FENELON, 2005: 5-13)

*Projetada e construída rigorosamente dentro dos prazos estabelecidos nos cronogramas originais, o empreendimento alcançou, na época, índices inéditos de nacionalização neste tipo de obra, com a participação de 97% de firmas brasileiras e de 90% em relação ao fornecimento dos principais equipamentos.*

**Excelência**

*Itumbiara também superou o recorde mundial de compactação de argila num só dia, com a marca de 104 mil m<sup>3</sup>, em 21 de maio de 1979. Além disso, durante a obra foi utilizada uma frota de 36 veículos modelo Volkswagen sedan 1300, movidos a álcool, o que possibilitou ao Centro Técnico Aeroespacial (CTA) de São José dos Campos (SP) realizar os testes necessários ao aprimoramento dos motores para aquele combustível. Com o know how adquirido na construção das usinas de Furnas (MG), Marimbondo (MG/SP), Funil (RJ), Luiz Carlos Barreto de Carvalho (SP/MG) e Porto Colômbia (SP/MG), os engenheiros e técnicos da Eletrobras Furnas trouxeram para Itumbiara novos patamares de excelência como o uso da tecnologia de concreto, que gerou uma economia de 3 milhões de sacas de cimento. Também o alto nível de especialização atingido pela equipe do Laboratório de Concreto passou a ser requisitado em obras como Itaipu (PR), Tucuruí (PA) e Central Nuclear de Angra (RJ).*

**Padrão**

*Para quem acompanhou de perto o impacto da presença da Eletrobras Furnas na região, como Edson Pereira da Costa, 57 anos, supervisor da Divisão de Administração Goiás (DAGG.O) e desde 1975 trabalhando em Itumbiara, existe “o antes e o depois” da usina. Ele lembra que a Empresa relocou estradas, desenvolveu sistemas elétricos de transmissão e telefonia, introduzindo um novo padrão de residências com a construção de casas para 33 famílias que residiam numa pequena comunidade que ficou submersa.*

*Mas o impacto mais visível, de acordo com o historiador e diretor do Museu do Centenário Major Militão Pereira de Almeida, Sidney Pereira de Almeida Neto, foi a chegada de cerca de 6 mil trabalhadores que transformaram a vida da cidade, movimentaram o comércio local, geraram empregos e qualificaram mão de obra. “A construção da Vila de Furnas trouxe modernidade e outro padrão para as construções, com suas ruas largas e sinalizadas. As pessoas iam até lá só para ver”, conta Almeida. Para alojar seu pessoal, a Empresa construiu vilas em Araporã, que recebeu 600 casas, ambulatório médico, escola e clube social; e em Itumbiara, onde foram erguidas 192 residências. A chegada da Eletrobras Furnas a Araporã também deflagrou o processo de emancipação política do então distrito de Tupaciguara (MG), distante 70 km. ([http://www.furnas.com.br/arqtrab/ddppg/revistaonline/linhadireta/RF374\\_itumb.pdf](http://www.furnas.com.br/arqtrab/ddppg/revistaonline/linhadireta/RF374_itumb.pdf) f. Acesso 27-07-13)*

Publicada em 2010, como parte das comemorações dos 30 anos da Usina Hidrelétrica de Itumbiara, a reportagem anterior, intitulada “Itumbiara completa 30 anos”, estrutura-se de modo a difundir uma memória em que a hidrelétrica, construída entre Itumbiara-GO e Araporã-MG, seria o grande agente transformador da região, “existe ‘o antes e o depois’ da usina”; um empreendimento que teria provocado uma verdadeira revolução nas cidades situadas em suas proximidades, causando efeitos de modernização em suas estruturas e irradiando progresso com a geração de milhares de empregos. Dentro da visão que se tenta estabelecer, as transformações acontecem harmônica e linearmente: a comunidade, que ficara submersa com o lago formado pela barragem, tem seus problemas resolvidos com a

construção de casas para 33 famílias, dentro de “um novo padrão de residências”; a acomodação dos milhares de trabalhadores que chegam à região é solucionada com a construção de “600 casas, ambulatório médico, escola e clube social”.

A pesquisa em arquivos de jornais nas cidades de Itumbiara e Tupaciguara, além do diálogo com alguns sujeitos que acompanharam, de alguma maneira, os impactos da implantação da hidrelétrica, tem trazido indicações que corroboram, mas que, principalmente, impõem limites significativos a essa perspectiva elogiosa e harmônica encampada pela Revista Furnas.

***FURNAS não tem interesse em acabar com as enchentes***

*Dr. Aparício Vasconcelos, assessor jurídico da Prefeitura Municipal, após acompanhar o Prefeito Waterloo Araujo, a uma visita ao eng. Armando Consenza, da administração de FURNAS, chegou à seguinte conclusão: “Furnas não está preocupada com Itumbiara, mas sim no Faturamento mensal, com a venda de energia”.*

*A visita do Prefeito a FURNAS, foi feita para que o Município, pudesse se inteirar do mecanismo de funcionamento da hidroelétrica, que existe no rio Paranaíba, acima da cidade, e que em todas as épocas chuvosas, trazem os mais desagradáveis dilemas para a população. Diante do crescimento dos problemas, a única solução foi procurar a direção da empresa, e pedir explicações.*

*Com Armando Consenza, foi discutido o assunto, mas ao final da reunião, na opinião de Aparício, a mesma não teve um final feliz.*

*A comissão chefiada pelo Prefeito, tomou conhecimento, que a hidroelétrica funciona durante todo o ano com força máxima, visando principalmente o faturamento da empresa. Para funcionar com força máxima, é necessário que o reservatório esteja com carga total, e é aí que existe o problema maior, que causa pânico. O reservatório funcionando com toda a sua capacidade, fica existindo apenas uma faixa de um metro e vinte, que não pode em hipótese alguma ser ultrapassado, sob pena de um risco enorme para a população. Com o reservatório cheio, para que as máquinas funcionem com carga total, sempre que se inicia o período chuvoso, é necessário que se aumente a vazão (sic) do reservatório, que normalmente gira em torno de 5.000 metros cúbicos por segundo, para manter o reservatório no nível. (...) Nesse ano, quando o problema tornou-se mais crítico, com a sequência das chuvas, a vazão (sic) do reservatório ultrapassou os 10.000 metros cúbicos por segundo, - o dobro do normal - inundando todo o paisagismo da Beira-Rio e uma grande área residencial. Os prejuízos foram enormes.*

*(...)*

*Depois de tomar conhecimento dos problemas, a municipalidade enviou o seguinte ofício à diretoria (sic) local de FURNAS:*

***OFÍCIO Nº. 030/83***

***EM, 04.02.83***

*Prezados Senhores,*

*Preocupado com a constante enchente que tem causado sérios prejuízos (sic) materiais e sociais à comunidade, solicitamos de Vs. Sas., para que possamos tranquilizar a população itumbiarense, que nos informe o seguinte:*

- a)- Se essas enchentes são de caráter eventual ou se tornarão uma constante;*
- b)- Se existe estudo de FURNAS, no que se refere a vazão máxima de água que não causaria problemas à cidade de Itumbiara;*
- c)- Se existe meios de se evitar essas enchentes, no caso, trabalhando-se com nível de água represada um pouco abaixo do máximo ou ideal, para que pudesse, assim*



*suportar maior índice pluviométrico, sem a necessidade de abertura maior das comportas.*

*Para maior esclarecimento de Vs. Sas., temos conhecimento, que, a vazão ideal que não causaria maiores problemas à comunidade seria de até 6.000m<sup>3</sup> de água por segundo, sendo que, FURNAS se encontra operando com uma vazão constante acima de 7.000m<sup>3</sup> por segundo, atingindo em determinados dias a preocupante vazão de 9.000m<sup>3</sup> por segundo.*

*Esperando contar com uma breve resposta de Vs. Sas., bem como, providências sérias e objetivas no sentido de solucionar este problema, que já está se tornando crônico e causando pânico à população, Subscrevemo-nos,*

*Atenciosamente*

**WATERLOO ARAUJO**

*Prefeito Municipal (Jornal de Itumbiara, nº 273, 1983, p. 8)*

A partir da narrativa produzida pela edição comemorativa da Revista Furnas, já se pôde evidenciar a intenção de se propagar a ideia de que existiria “o antes e o depois da usina”, sendo que, a construção da hidrelétrica teria trazido grande desenvolvimento estrutural e econômico para a região. Voltando a atenção para a reportagem supracitada, fica bastante evidente que este “antes e depois da usina”, nem sempre tem sido avaliado positivamente pelo conjunto das sociedades situadas no raio de alcance das atividades da Usina Hidrelétrica de Itumbiara. De outro modo, a reportagem veiculada pelo Jornal de Itumbiara evidencia como o Poder Público Municipal, no início das operações da usina, princípio da década de 1980, coloca na conta da hidrelétrica o aumento potencial das enchentes que vinham atingindo a cidade naquele período. Nessa perspectiva, a usina passa a ser vista não como agente do progresso, mas como elemento desencadeador de prejuízos: agindo na danificação de moradias, estabelecimentos comerciais e espaços destinados ao desenvolvimento de atividades esportivas e de lazer, como no caso da Avenida Beira-Rio. Alguns meses depois, o mesmo periódico volta a dar destaque para a questão das enchentes em Itumbiara e a suposta responsabilidade da barragem pertencente a Furnas no agravamento de tal problema.

#### ***O TEMOR DAS ENCHENTES CONTINUA***

*Mesmo com as amplas explicações recentemente fornecidas pelo encarregado do funcionamento da hidroelétrica de FURNAS, localizada no Rio Paranaíba, há alguns quilômetros acima da cidade, a população se sente cada vez mais insegura com relação ao futuro.*

*Durante o ano de 1983, por pouco a cidade de Itumbiara se via submersa em consequência de enchentes originadas pelas chuvas abundantes que caíram durante vários dias. A orla do Rio Paranaíba na área urbana foi totalmente danificada, com a municipalidade sofrendo milhões de cruzeiros em prejuízo. Grande parte do setor sul da cidade foi tomado pelas águas, obrigando a abandonar tudo às pressas.*

*Naquela oportunidade, procurou-se uma explicação para o problema e esta acabou vindo não de maneira totalmente convincente, já que nos contatos com os engenheiros de FURNAS Centrais Elétricas, tudo era fornecido dentro de uma linguagem técnica, deixando os leigos a ver navios. Naquela oportunidade, o*

*prefeito e o responsável pelo PROEMERGE – Programa de Emergência, se avistaram com o responsável pela Usina de Itumbiara, e este garantiu que tudo não passava de precipitações pluviométricas um pouco acima do normal, mas que não era necessário pânico. Felizmente tudo foi contornado com a paralisação das chuvas, mas a população agora, com o drama vivido pelos sulinos, não deixa de ficar apreensiva, temendo enfrentar no futuro, problemas idênticos.*

*Recentemente os vereadores e o Prefeito foram recebidos pelo engenheiro Armando Consenza, de FURNAS e, dentro de um clima de muita franqueza, aquela autoridade informou aos itumbiarense, que as chuvas que caíram no sul de Goiás no ano de 1983, só poderão ser repetidas daqui a cem anos ou talvez nunca. Afirmou ainda que não fosse o controle exercido por FURNAS no controle da vazão da água armazenada no lago artificial da usina, a situação de Itumbiara teria sido outra, com toda a cidade ficando submersa. Prefeito e vereadores que ouviram tais afirmações, se viram (sic) na obrigação de acreditar em tudo, pois afinal de contas as mesmas partiram de um técnico e além do mais amparadas por um farto material técnico.*

*Mesmo com a ampla divulgação dada a esse encontro, a população parece não se conformar num todo com a idéia de viver alguns quilômetros às margens do Paranaíba, abaixo de um grande volume d'água.*

*(...)*

*Diante dessa situação, resta a todos os habitantes de Itumbiara, acreditar no Criador e nos homens, que com suas explicações técnicas garantem: “FURNAS possui uma das represas mais seguras do País, não procedendo o temor que toma conta dos Itumbiarense”. (Jornal de Itumbiara, nº 27, 1983, p. 7)*

A partir dessa reportagem, é possível dar continuidade aos questionamentos sobre a presença positiva da hidrelétrica em Itumbiara, considerando que segue informando sobre como a existência da barragem a alguns poucos quilômetros da cidade estaria trazendo prejuízos com o agravamento das enchentes devido ao aumento da vazão do rio – fruto do que seria a ganância de Furnas – e pânico entre os moradores que se sentiriam inseguros considerando a grande proximidade do represamento em relação às áreas habitadas do município. Não obstante a importância e validade das informações, uma vez que indicam a existência de tensões no processo de implantação do empreendimento de Furnas, faz-se necessária a ressalva de que o Jornal de Itumbiara, assim como qualquer periódico, não apenas informa aquilo que seria a verdade dos fatos, mas intervém na realidade social da qual faz parte, porque agente no processo e não espelho a refletir os acontecimentos.<sup>4</sup>

Em várias de suas edições, publicadas no início dos anos 1980, o jornal dá destaque para as enchentes enfrentadas pela cidade, indicando sempre as margens do Ribeirão Trindade como o principal espaço invadido pelas águas. Nessas reportagens, apontam-se o que também seriam causas para os alagamentos: problemas na canalização do Ribeirão que corta o centro

---

<sup>4</sup> Dentro da já citada obra “Muitas Memórias, Outras Histórias”, Laura Antunes Maciel aponta para a necessidade de se buscar perceber a imprensa como “prática social constituinte da realidade social”, deixando-se de encarar a pesquisa em seus arquivos como busca de informações e, assim, passando-se a ter a noção de que se está lidando com a produção de sujeitos sociais que não reflete a realidade social, mas intervém nela, visando firmar interesses de maneira dominante. (MACIEL, 2005: 14-40)

da cidade – e mesmo a falta desse tipo de intervenção em alguns pontos –, bem como o acúmulo de lixo atirado pela população nas margens e, até mesmo, direto no leito do Ribeirão. No cerne do que se noticia, está sempre o elogio ao esforço incansável do prefeito municipal em conseguir recursos junto ao Estado com vistas à efetuação dos melhoramentos na canalização do referido curso d'água. Mesmo considerando os problemas de infraestrutura, o periódico age claramente elegendo aquela que seria a maior vilã da questão: a ganância de Furnas que opera sua maquinaria sempre em força máxima, aumentando a vazão do Rio Paranaíba e, conseqüentemente, inundando o centro da cidade.

Na última matéria, citada logo acima, ensaia-se um posicionamento baseado em suposta neutralidade jornalística, oferecendo a Furnas espaço para colocar sua versão acerca do tema. Esta, por sua vez, por meio de seu representante Armando Consenza, reforça a ideia positiva de uma empresa que atua no progresso da região, inclusive diminuindo por meio de seu aparato tecnológico, os efeitos das enchentes que todos os anos assolam a população itumbiareense. Nessa perspectiva, a tensão está posta. Todavia, o jornal não apenas informa sobre a polêmica, ele a alimenta; não apenas reflete o pânico existente entre a população, ele o dissemina. E faz tudo isso, posicionando-se a favor do grupo que está à frente do poder público municipal, no início dos anos 1980. Refletindo sobre o conjunto de questões presentes nas próximas reportagens é possível dar seguimento à discussão proposta até aqui.

#### ***PREFEITURA INICIA DISTRITO INDUSTRIAL***

*Aos poucos a área adquirida no setor oeste da cidade vai tomando um aspecto diferente. Alí será localizado o nosso Distrito Agro Industrial, sendo que algumas indústrias já procuram construir os prédios que abrigarão suas unidades, para a rápida entrada em funcionamento. Um distrito industrial para Itumbiara, é um velho sonho de nossas autoridades e da população em geral. Muito tem se falado, contatos e mais contatos foram mantidos em todos os níveis visando a vida (sic) imediata de indústrias para a cidade, o único meio capaz de salvar Itumbiara de uma grave crise social, que começava a aparecer com o término da construção da hidrelétrica de FURNAS. Depois de muita insistência e da farta matéria prima que daqui é exportada para os grandes centros industriais, o Governo do Estado resolveu atender as reivindicações que já se arrastavam por vários anos, encomendando um estudo para se conhecer a viabilidade de se implantar um Distrito no município de Itumbiara (...) (Jornal de Itumbiara, nº 209, 1980, p. 7)*

#### ***BEIRA RIO É UMA REALIDADE***

*Depois dos estragos causados ao serviço que a Prefeitura vinha desenvolvendo na Beira-Rio, ninguém acreditava que a municipalidade tivesse coragem de novamente atacar aquelas obras. Mostrando muito arrojo e não dando ouvido às más línguas, Radivair determinou o reinício das obras, sendo que hoje o panorama já é outro bem diferente. Como é do conhecimento de todos os itumbiarenses a queda e depois o aumento brusco das águas do Rio Paranaíba, quando do fechamento do lago da hidroelétrica de FURNAS, foram os obstáculos enfrentados pela prefeitura no*

*trabalho de urbanização na Beira-Rio. Com o nível das águas do Paranaíba chegando ao ponto máximo, as obras foram reiniciadas em ritmo bastante intenso, com a intenção de se recuperar todo tempo perdido. (...) (Jornal de Itumbiara, nº 211, 1980, p. 1)*

#### **GOIÁS INDUSTRIAL VAI APRESSAR DAI**

*Representantes do Goiás industrial estiveram visitando o prefeito Radivair Miranda Machado, quando apresentaram o projeto de loteamento dos Distritos Industrial e ainda falaram com o chefe da Municipalidade, sobre o trevo de entrada que deverá ser construído na Avenida Santos Dumont.*

*Aproveitando a presença dos representantes do Goiás industrial, o prefeito pediu o aceleração dos estudos, com o fito de liberar o mais rápido possível, todo o projeto do Distrito Itumbiarensense. O prefeito Radivair Miranda Machado, no contato com o pessoal do Goiásindustrial, fez um relato da urgente necessidade da implantação definitiva deste Distrito, para o aproveitamento da mão de obra farta e também da matéria-prima existente com abundância. Problemas sociais que chegaram depois do término da construção da hidroelétrica de Itumbiara e, que não eram do conhecimento da área estadual, foram relatados pelo prefeito, deixando os engenheiros deveras preocupados com a situação. (...) (Jornal de Itumbiara, nº 215, 1980, p. 1)*

#### **Araporã reativa o seu hospital**

*Tendo à frente o vereador Waldir Inácio, a população de Araporã, Município de Tupaciguara, obteve uma grande vitória, ao conseguir concessão para o funcionamento do Hospital ali construído pela Mendes Júnior, quando dos trabalhos da construção da hidroelétrica de Furnas. Com o término das obras o Hospital foi desativado com a população do Distrito de Araporã passando a recorrer a Itumbiara ou Tupaciguara quando precisava de um médico. Waldir Inácio, que representa o Distrito de Araporã na Câmara Municipal de Tupaciguara e que é também Presidente dos Lacradores (sic) e Plantadores de Cana de Araporã, entrou na parada e acabou saindo vitorioso. Aquela associação conseguiu da Mendes Júnior, o direito de explorar o Hospital. De posse do documento, Waldir partiu para Brasília, para conseguir o credenciamento do Hospital, junto ao INPS, o que foi conseguido com a ajuda de alguns parlamentares mineiros, bem relacionados na área federal. Depois de credenciado junto ao hospital e com o prédio totalmente reformado Waldir e Associação partiram para a contratação de médicos para servirem no Hospital, o que não foi difícil. Segunda feira última, dia 31 de agosto, entrou em funcionamento o Hospital Papa João Paulo II, com sete médicos ali atendendo. (Jornal de Itumbiara, nº 241, 1981, p. 3)*

As três primeiras notícias citadas no bloco acima, publicadas entre os meses de julho e setembro de 1980, portanto dois anos antes das reportagens sobre as enchentes discutidas anteriormente, mostram como o periódico já vinha atuando na defesa do trabalho da prefeitura de Itumbiara e considerando como responsabilidade de Furnas o atraso nas obras de paisagismo da avenida Beira Rio, assim como os prejuízos causados pelos alagamentos daquele local.

Outra questão abordada, não apenas nas reportagens destacadas acima, mas em várias edições do Jornal de Itumbiara, nos anos iniciais da década de 1980, é a ausência de um distrito industrial bem estruturado no município goiano em que o periódico está situado. As



narrativas, novamente, vão sendo delineadas de maneira a enaltecer as qualidades da cidade e os esforços de seu governo para a realização de tal obra, mas sem a contrapartida por parte do governo estadual, motivo pelo qual várias grandes indústrias estariam deixando de se instalar em Itumbiara e indo para o município mineiro de Uberlândia. Assim como aconteceria em algumas edições posteriores, já discutidas dentro do presente texto, a presença de Furnas com sua grande hidrelétrica, em terras Itumbiarense, receberia sua parcela de responsabilidade, por parte do jornal, naquilo que se refere aos problemas socioeconômicos enfrentados pela cidade.

Da forma como se produziu as notícias, que trazem como tema principal aquilo que seria a necessidade da organização em Itumbiara de um Distrito Industrial, Furnas e seu empreendimento hidrelétrico entram em cena, não apenas como agentes de crescimento e progresso para as regiões onde se instalam: terminadas as obras de construção, o legado deixado seria a extinção de milhares de empregos com tudo o que isso poderia, naquele momento, trazer de impacto em termos sociais e econômicos. Acredito não ser aqui o caso de desconsiderar o quão negativa poderia ser para a sociedade local, o fim dos trabalhos de construção de uma obra com a envergadura da Hidrelétrica de Itumbiara. Não obstante, o que igualmente não pode ser deixado de lado, é a atuação do periódico, utilizando-se de tal fato, para eximir de qualquer responsabilidade o grupo político, naquele momento, à frente do governo municipal. Assim, tendo em vista os “problemas sociais que chegaram depois do término da construção da hidroelétrica”, a única alternativa estaria na urgente intervenção do governo estadual na realização da obra “redentora” de Itumbiara, ou seja, o Distrito Industrial.

Na reportagem que trata da reativação do hospital de Araporã, continua-se a ressaltar essa ideia de abandono de Furnas e, dessa vez, também, da empresa construtora da barragem, a empreiteira Mendes Júnior, que, ao término das obras, teria desativado o hospital, deixando a população do então distrito de Tupaciguara-MG sem atendimento médico. Novamente, o esforço de uma força política local segue sendo ressaltado, em detrimento de suposta negligência das empresas mencionadas. A próxima reportagem, entretanto, permite a identificação de outro sentido desenvolvido nas páginas do Jornal de Itumbiara, para a presença da hidrelétrica pertencente ao sistema Furnas.

(...)

**PROGRESSO**

*Com 71 anos de emancipação política, Itumbiara é hoje uma das cidades mais importantes do Estado. Anualmente os cofres estaduais levam daqui somas fantásticas com a arrecadação de impostos, sendo que atualmente é Itumbiara a cidade que mais arrecada em o todo o Estado de Goiás. Baseado nessa colaboração generosa, o Estado resolveu colaborar com o Município, para que este tivesse condição de atrair indústria, para o aproveitamento da matéria prima abundante. Foi criado por força de Lei Estadual, o Distrito Agro-Industrial de Itumbiara, que apesar de ainda não estar implantado definitivamente, não deixa de ser uma realidade, uma vez que duas indústrias ali já estão construindo seus prédios e deverão funcionar brevemente. Além da criação desse Distrito Industrial, o que colaborou muito para um desenvolvimento acelerado da cidade, foi a escolha deste Município, por parte de FURNAS, para a construção de uma hidroeétrica, considerada uma das maiores do país.*

*A cidade hoje conta com futuro garantido no cenário goiano, já que graças ao labor do seu povo, a tendência é sempre um progresso mais marcante. A administração Municipal de 74 para cá, muito colaborou para que a cidade se humanize, tornando-se mais afetiva aos seus filhos. Com 71 anos de emancipação política, Itumbiara é ainda uma menina-moça, com toda uma vida pela frente. (Jornal de Itumbiara, nº 216, 1980, p. 20)*

No mesmo ano de 1980, por ocasião do aniversário da cidade, o Jornal de Itumbiara elabora edição comemorativa enaltecendo as potencialidades do município e abordando novamente a questão do distrito industrial, desta vez, não em tom de cobrança, mas considerando a ajuda do governo estadual para o término da obra como fato consumado. Em sentido adverso ao que vinha sendo desenvolvido, a presença de Furnas é colocada lado a lado com o distrito industrial, figurando como fator de “desenvolvimento acelerado da cidade”. Tal contradição, no meu entendimento, traz indicações não de um despreparo e/ou desconhecimento por parte dos organizadores do periódico ao darem um tratamento tão diverso, ao mesmo empreendimento num espaço de tempo tão curto. O critério adotado parece claro: a preservação do grupo político, à frente do poder público municipal, naquele momento. Por esse viés, Furnas pode, sim, dependendo dos interesses em jogo, aparecer como fator de progresso ou de atraso para Itumbiara e região.

A partir do diálogo<sup>5</sup> com o Senhor Raimundo Leandro de Oliveira, 73 anos, que participou das obras de construção da barragem, desde 1974, permanecendo nas atividades de operação da hidrelétrica até o ano 2000, é possível continuar refletindo criticamente, acerca da perspectiva apresentada pela Revista Furnas e que trago em destaque no início deste trabalho.

---

<sup>5</sup> Na produção de entrevistas, tenho procurado seguir de perto as reflexões de Alessandro Portelli. Considero bastante significativa sua argumentação ao considerar que o trabalho com as narrativas orais não nos possibilita perceber o que seriam uniformidades dentro das experiências dos sujeitos, mas um universo de questões compartilhadas e que foram vivenciadas de maneiras diversas. É preciso esmiuçar este “campo de possibilidades compartilhadas” do qual fala o autor italiano e que vai sendo aberto pelos sujeitos à medida que relembram e avaliam suas trajetórias, não só em termos do que lhes acontecera, mas também do que lhes era possível acontecer pelas condições comuns em que estavam vivendo. (PORTELLI, 1996: 1-9)

**Yangley:** Certo. E o Senhor viveu, o senhor morou onde? Morou em Itumbiara, morou em Araporã...

**Raimundo Leandro de Oliveira:** É, cheguei a morar em Araporã, né? três anos, que foi... setenta e quatro, setenta e cinco eu mudei pra Araporã. Aí de lá, fiquei dois anos, depois mudei pra Itumbiara na, quer dizer, da vila de Furnas da... quer dizer, da usina de Araporã, o acampamento de Araporã, chamava acampamento, pro acampamento... pra vila de Furnas.

**Yangley:** Então, o Senhor morou primeiro naquela vila de Araporã, aquela vila de cima ali e depois...

**Raimundo Leandro de Oliveira:** E depois mudei pra usina de, usina não, pra vila de Furnas. Aí já passei a ser funcionário direto de Furnas.

**Yangley:** E por que não fez essas moradias, que eram feitas por Furnas, por que fez um pouco do lado de Araporã, esse acampamento que o Senhor tá falando, e essa outra construção lá em Itumbiara?

**Raimundo Leandro de Oliveira:** Não, a construção de Itumbiara visava o quê? Porque tinha que fazer o... porque a usina foi na divisa, Goiás e Minas, então, o que Furnas fez? construiu a vila de Furnas também, que eles chamam vila de Furnas aqui em Itumbiara, com um pessoal mais selecionado de Furnas que foi morar lá nessas casas e, em si não... e já... ficava um pouco mais distante. Como foi feita a de Araporã, o pessoal que ia presenciar, que trabalhava mais atento, mais dentro da construção, morava ali e as empreiteira também, Araporã que era mais perto, você tava mais perto do serviço, e Furnas construiu essas usinas, essas casas, pensando em quê? Pro funcionário tá mais perto do serviço e mais fácil de comunicar. Era mais fácil porque o pessoal tava tudo morando ali, como os que morava dentro da vila de Furnas também. Porque precisava de um contato com o funcionário, precisava dele, ele tava lá dentro da... quer dizer, não precisava ir na cidade de Itumbiara pra recrutar esse funcionário, no momento que precisasse dele. E os pessoal de, da vila de Araporã, então foi onde Furnas fez esses dois, essas duas moradias. Ela achou melhor fazer a construção, uma em Itumbiara e a outra...

**Yangley:** Certo. E Itumbiara já era uma cidade maior e Araporã ainda era... como é que era Araporã?

**Raimundo Leandro de Oliveira:** Araporã era pequena, né? mil e quinhentas... que era distrito, lá uma época tinha mil e quê? Se tivesse umas mil e quinhentas pessoas era muito. Porque Araporã era distrito de Tupaciguara, então era muito, pouquíssima gente, então quando chegou esse pessoal lá aí revolucionou, aí mudou, vamos dizer, na época, se lá tinha mil e quinhentas, com a chegada de Furnas, o pessoal que morava ali foi pra duas mil pessoas, duas mil e quinhentas pessoas. De uma hora pra outra aquilo lá povoou e virou... quer dizer, que morava... e muita gente já morou, foi morando lá, foi morando, quer dizer, morava o povo também em Araporã, nas casas de Araporã, era aluguel e, o pessoal, a maioria na vila de Araporã.

**Yangley:** Ah então tinha gente que... nem todo mundo morava nas casas? Um pouco tinha que morar de aluguel.

**Raimundo Leandro de Oliveira:** É de aluguel.

**Yangley:** E a empresa pagava aluguel pra esse povo?

**Raimundo Leandro de Oliveira:** Não, isso aí não, não tinha não. Que eu saiba, não.

**Yangley:** Quem chegava primeiro conseguia as casas...

**Raimundo Leandro de Oliveira:** Porque era por classificação, a pessoa entrava, tinha um nível, tal, ele tinha direito a casa, a Furnas dava casa pra ele morar. Então, já o pessoal... que era gente de mais, não tinha como dar casa pra todo mundo. Aí eles morava de aluguel, né? só tinha condução pra ir, Furnas fornecia, Tanto Furnas como Mendes, né? que era a empreiteira, eles fornecia, tinha... levava os funcionários e trazia, vice-versa. Então, isso era... e de manhã, aquele pessoal que morava na cidade, tanto de Araporã como quem morava lá em Itumbiara, eles

*ia com o transporte, era por conta da empresa. Mas o aluguel, eles é que arcava...  
(Raimundo Leandro de Oliveira. Entrevista realizada em jun. 2014)*

A maneira como o senhor Raimundo interpreta sua trajetória de trabalho na hidrelétrica, carrega muito da perspectiva desenvolvida pela já referida Revista Furnas. O fato de se poder identificar a forte presença de uma memória hegemônica na fala deste senhor não significa a anulação do potencial de tensão na elaboração de sua experiência.<sup>6</sup> Mesmo não tecendo críticas – o que, aliás, não soa estranho para alguém que trabalhou mais de trinta anos, aposentando-se na empresa –, procurando, todo o tempo, deixar clara sua ligação e identificação com Furnas e, com isso, reivindicando sua participação no desenvolvimento de um empreendimento que acredita ter “revolucionado” a região a fala do Senhor Raimundo aparece entremeada com uma série de considerações que impõe limites à visão harmônica difundida pela memória oficial.

O que aparece como perfeitamente acomodado na citação da Revista Furnas, ressurgiu com certo desconforto nos apontamentos do entrevistado. É o caso das moradias para os trabalhadores. Como o Senhor Raimundo Leandro de Oliveira deixa claro, as casas construídas pela empresa não eram suficientes para abrigar todos os milhares de trabalhadores que chegavam à região para o trabalho nas obras. Estes, em sua maioria, tinham que encontrar algum imóvel e arcar com as despesas de seu aluguel. Além disso, dá a entender que quanto menor a qualificação técnica do trabalhador, menores as chances de se conseguir o benefício de morar em uma das casas da empresa, “Porque era por classificação, a pessoa entrava, tinha um nível, tal, ele tinha direito a casa, a Furnas dava casa pra ele morar”.

Outro ponto que chama atenção é que, além desse critério de uma certa qualificação técnica para se ter acesso às moradias da empresa, buscou-se produzir uma segregação ainda maior entre os que participavam da obra, construindo dois conjuntos distintos de moradias: um em Araporã, pequeno distrito de Tupaciguara-MG, e outro em Itumbiara, uma cidade bem maior do interior de Goiás. A vila de Araporã era ocupada pelos trabalhadores da Mendes Júnior, principal empreiteira da obra, enquanto em Itumbiara, na vila de Furnas, eram alocados os engenheiros e outros funcionários de Furnas, principalmente os do alto escalão.

---

<sup>6</sup> Em texto intitulado “Memórias e Imagens: (re)pensando os significados do Memorial JK”, Heloisa Helena Pacheco Cardoso analisa como há sempre uma articulação entre representações oficiais e memórias privadas dentro da memória social sobre o passado. Nesse sentido, a autora considera que “elementos de um-representações oficiais –podem ser encontrados em outro – memórias privadas –, muitas vezes ressignificados no conjunto daquilo que vai readquirindo sentido para as pessoas”. (CARDOSO, 2006:177-193)



O objetivo principal do texto até aqui desenvolvido foi apresentar possibilidades de problematização de algumas evidências colhidas junto à imprensa e advindas da produção de narrativas orais, de modo que estas possam ser transformadas em fontes para a investigação de processos históricos que, de modo adverso ao propagado pela memória oficial acerca da implantação da Hidrelétrica de Itumbiara, bem como das transformações relacionadas a tal empreendimento, desenvolvem-se em meio a tensões e contradições. Por esse viés, o que tentei apresentar foi uma perspectiva de trabalho com imprensa e narrativas orais, não como espelho fiel da realidade, mas prática social que a constitui.

### **BIBLIOGRAFIA:**

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Memórias e Imagens: (re)pensando os significados do Memorial JK. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto De e KHOURY, Yara Aun (Orgs) **Outras Histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Ed. Olho D'Água, dezembro/2006. pp. 177-193.

FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloísa Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução: Muitas Memórias, Outras Histórias. In: FENELON, Dea Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto De e KHOURY, Yara Aun (Orgs) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Ed. Olho D'Água, Março/2005. pp. 5-13.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: **Muitas Memórias, Outras Histórias (Org. Déa Ribeiro Fenelon e outros)**. São Paulo: Olho d'Água, 2005. pp. 14-40.

MENDONÇA, Sonia Regina. Capítulo 1 – Estado e sociedade. In: MATTOS, Marcelo Badaró (org.). **História: pensar & fazer**. Rio de Janeiro: Laboratório de Dimensões da História, 1998, pp. 13-32.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Rio de Janeiro, n. 2, p. 8- 9, dez./1996. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg2-3.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf)>, Acesso em: out. 2010.

THOMPSON, E. P. Intervalo: A Lógica Histórica. In: **A Miséria da Teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. *pp.* 47-62.